

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **S. FRANCISCO XAVIER NA LIÇÃO PSICOLÓGICA DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA.**

PINA, Luís de

Ano: 1954 | Número: 64

---

### **Como citar este documento:**

PINA, Luís de, S. Francisco Xavier na lição psicológica do padre António Vieira. *Revista de Guimarães*, 64 (3-4) Jul.-Dez. 1954, p. 259-289.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## S. Francisco Xavier na lição psicológica do Padre António Vieira (\*)

PELO PROF. DOUTOR LUÍS DE PINA

---

Regressemos 419 anos, ao tempo em que governavam excelentemente o grande D. João III em Portugal, em França o belicoso Francisco I e nas Espanhas o magnífico Senhor Carlos V.

Regressemos 419 anos, até ao muito longínquo e ardente sábado do ano de 1534, décimo quinto do mês de Agosto — o de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Assunção. Aproximemo-nos da capela parisiense e dionisiana de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Montmartre ou do Santo Martírio — que se ergua na colina do Monte dos Mártires. Ali veremos, nessa santa manhã, sete fogosos e ilustres estudantes da Universidade, em singular e expressivo acto de piedade e estratégia apostólica: três eram espanhóis, Diogo Laínez, Afonso Salmeron e Nicolau Bobadilla; um italiano, Pedro Fabro; os restantes, Simão Rodrigues, português, bolseiro del-Rei em Paris e mais dois Espanhóis, Inácio e Francisco.

Este, foi o Santo Francisco Xavier; Inácio, o Santo Inácio de Loiola. Com o moço Loiola na chefia, o pequeno grupo hispano-italo-português comprometia-se solenemente, na igrejinha de Montmartre, a guardar voto de castidade e de pobreza, a visitar peregrinariamente a Terra Santa e a evangelizar as almas do Mundo.

---

(\*) Conferência lida no Salão Nobre da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (Comemoração do 4.º Centenário da morte do Santo, 25 de Janeiro de 1953.

Desse voto soleníssimo de sete estudantes em Paris nasceu a muito digna e ilustre Companhia de Jesus.

Dois anos se escoaram e outros amigos agregou o cenáculo parisiense. Inácio de Loiola já estanciava em Veneza, à espera de seus companheiros, que ali chegaram aos 8 de Janeiro de 1537. Surge, então outro insigne português, Diogo de Gouveia, da fina estirpe dos Gouveias, alentejano, Doutor em Teologia, Reitor da Universidade de Paris e preclaro Director ou Principal do Colégio de Santa Bárbara, na capital de França, que fundou e onde se congregavam todos os bolsseiros estudantes portugueses e muitos estrangeiros, entre os quais se contavam Inácio, Xavier e o português Simão, que já nomeamos.

Os jòvens apóstolos (já Inácio se havia ordenado em Veneza) intentam partir para Jerusalém, mas não logram favorável ensejo. Todos trabalham na seara de Cristo, por terras várias da Itália, em que os frutos de evangelização eram já muitos e saborosos. Então, Diogo de Gouveia recomenda ao Rei D. João III que os chame a Portugal e os encarregue da apostolização do Império Ultramarino. Virtudes e letras não escasseavam nos moços clérigos, dos quais o Embaixador de Portugal presta ao Rei excelentes informações. E quando o nosso diplomata os convida, logo Inácio se alegra e aceita o encargo. O Santo Padre Paulo III, imperturbável gigante que excomulgara o cismático Henrique VIII da Inglaterra, autoriza a empresa.

Inácio só pode dispor de dois padres: e aí vem Francisco Xavier e Simão Rodrigues para Portugal. Corria o felicíssimo ano de 1540 e logo os dois sacerdotes começam o apostolado, a viverem de esmolas, como haviam exigido. Ambos deviam seguir para a Índia, mas somente embarca Xavier; a Simão cumpria criar uma notável obra no nosso país: a Província Nacional da Companhia de Jesus, que logo enceta sua extraordinária missão, com tão ilustre e abnegado português à frente, estabelecendo, em 1542, o Colêginho de Santo Antão-o-Velho.

Essa foi a primeira Província que houve na Companhia, em breve prazo alteada de modo invulgar!

\*

Em vez de retrocedermos, avancemos agora alguns anos e paremos em Lisboa, no ano de 1608. Aos dois de Fevereiro nasce, na Rua dos Cónegos, de a-par à Sé, um outro insigne português que na pia de baptismo recebe o nome de António.

Oito anos corridos, o menino vai para o Brasil, onde os pais se domicíliam na cidade da Baía. No seu Colégio dos Jesuítas começa e prossegue estudos. Mas aos 15 deixa a casa paterna e pede ingresso naquela Companhia. E lá ficou...

O noviço António, em pouco, ascende a visos altos. Seu espírito enobrecido por vasta e boníssima cultura, fez dele um dos sacerdotes mais sábios e capazes de Portugal. Aos trinta anos é já Professor de Teologia no Colégio baíense. Mas mal bordejava os 27 quando começou a arrotear no púlpito a sua glória, glória de quem foi o maior pregador português de todos os tempos: Padre António Vieira.

Serão estas duas figuras da Companhia de Jesus, S. Francisco Xavier e P.<sup>e</sup> António Vieira, que nesta noite se movimentarão na rápida cena histórica e apologética que tenho de patentear-vos.

Como se sabe, o insigne português escreveu e pregou inúmeros sermões por muitos púlpitos, nacionais e forasteiros, obras da oratória do tempo que hoje se lêem e sempre se lerão com o aprazimento que flui de todas as verdadeiras obras de arte, quanto ao profano; e de todas as sinceras e profundas obras de evangelização, quanto ao místico, todas eternas. Sou dos que lêem e relêem as páginas do imortal orador. E sempre nelas colho lição profícua, de parçaria com o fascínio da arte com que as redigiu, inconfundivelmente perpétua.

No valioso sermonário de Vieira há páginas que nunca murcham, tal a beleza do conceito ou o sabor mäsculamente português do arranjo. Em outras, assombra-nos a doutrina, arrebatá-nos o paradoxo, surpreende-nos o desfecho, inquieta-nos o propósito, aterroriza-nos a narrativa, abate-nos a censura!

Mas certas de suas laudas oratórias revelam-nos a singular cultura filosófica e científica do autor, a própria do tempo, é certo, mas que ele exterioriza de modo excepcionalmente seu. Nesse ponto, Vieira é, senão genial precursor, ao menos um sagacíssimo comentador de factos, de doutrinas, de sucessos científicos. Disse Hernâni Cidade, em página biográfica de Vieira:

« — Quanto às ciências da natureza, à física, à astronomia, um que outro passo dos sermões nos mostra a sua formação escolástica, que não vai além dos horizontes iluminados por Plínio e pelo *Cursus philosophicus* (1649) do jesuíta da sua convivência, P.<sup>o</sup> Soares Lusitano.» (1)

Na verdade, não são desmedidas estas palavras. Nem nós, de modo algum, desejamos erguer hoje o orador sacro ao friso dos cientistas profanos. Vai passando de um ano que o ilustre professor Egas Moniz, prémio Nobel da Medicina, apresentou à Academia das Ciências de Lisboa um curioso estudo sobre determinado texto de Vieira, trabalho a que me referirei em outra conjunção. Por agora, baste dizer que Egas Moniz o comenta dizendo que ele

«sabia exprimir com nitidez as suas opiniões, por vezes matizadas de imprevistos que o génio lhe emprestava no decorrer do discurso. (2)  
Quando uma ideia original lhe atravessa o cérebro, logo lhe media o valor e, ao divulgá-la, não a algemava, deixava-a seguir livremente, despreendida dos liames das conveniências deturpadoras.»

Por outro lado, diz-nos outro sábio pregador português, Reverendo Dr. Domingos Mauricio, a respeito deste assunto e referindo-se ao distinto neurologo lisbonense:

«longe de assumir uma atitude de sobrançaria imperitante, presta ao P.<sup>o</sup> Vieira o seu preito de admiração, pelas virtudes do homem e pelo relevo inconfundível da inteligência privilegiada do orador, do político e do missionário.» (3)

Pois hoje vou mostrar-vos, queridíssimos ouvintes, como em outras páginas de Vieira sobre S. Francisco Xavier se lê um novo curioso texto que nos outorga o direito de compartilhar, sem reservas, a opinião que o Prof. Egas Moniz algures expendera sobre a personalidade do nosso Jesuíta. É à roda desse texto que eu disporei o meu discurso da noite.

Não desconhecem muitos que o Padre António Vieira escreveu sobre S. Francisco Xavier dezoito sermões, (4) pelo menos, dezoito excelentes peças oratórias que acabo de reler com o mais profundo e delicioso respeito.

Se, nas biografias dos grandes homens, dos autênticos super-homens, como são os Santos, há lugar forçoso para o registo seco, protocolarmente imprescindível, de datas e citas várias, certo é que para além delas se exprime e prefulge a *vivência* ou reacção-expressão vital dos biografados. Por isso nos dezoito sermões de Vieira sobre S. Francisco Xavier este nos surge e assombra em sua estranha, epopeica vida e vivência apostólica. Não padece dúvida que os magníficos sermões xaverianos de Vieira completam a biografia que do Santo escreveu, com pena também de ouro, o inesquecível trancosano Padre João de Lucena, insigne pregador jesuíta e outro dos maiores mestres da perene língua portuguesa (5)

Lucena e Vieira glorificam excelentemente o seu prócere companheiro da Ordem. Não há aí hoje caneta ou língua que mais e melhor possam proclamar a nímia excelsitude de Xavier, esplendido precursor de S. Vicente de Paulo e humilde Enfermeiro-mór dos Hospitais Portugueses de Goa, de Malaca, de Amboino e tantos da corda extensa deles, do indústão à Sunda, na Oceânia!

Colhem-se de sua vida inúmeras provas de magníficos serviços prestados pelo Santo nas enfermarias ultramarinas, junto dos doentes. Em Itália e em Lisboa, logo à chegada, o moço padre procura os hospitais dos pobres, para atender-lhes corpo e alma. Assim o fidalgo, agora humilde *minimus servus servorum societatis nominis Jesu Franciscus*, como em

Granada espanhola o nosso S. João de Deus, anda alvoroçado pelas ruas asiáticas em corpo, conta Vieira,

«sem capa ou mantéu, que nunca pôs aos ombros, vestido com uma roupeta tão pobre, com os pés muitas vezes descalços, e chamando com uma campainha a vozes altas os escravos e escravas...» (6)

E falando-lhes «em uma linguagem meio reinol, e meio indiana, verdadeiramente ridícula, julgaram que ou a primeira vez que passou a Linha com as calmas da Guiné, ou a segunda, em que a tornou a passar, com os novos e excessivos calores da Índia lhe refervera o juízo...»

Entretanto, Xavier expulsava demónios, curava febres e outros males corpóreos do gentio, que já conclamava, fascinado:

«Ele parecerá doido, mas é santo!»

Assim se pensou e disse de S. João de Deus e de tantos outros santos «doidos» do céu: a crueldade e a ignorância humanas parece que são menos doudas no conhecimento e diagnóstico da verdadeira loucura! (7)

Foi Xavier o grande Enfermeiro-mór das Ásias, de doentes do corpo e de espírito. Jamais se fatigou de visitar e acudir a enfermos, onde se encontravam, nem aos sãos da alma, onde os topasse. Ele mesmo escreve que, por vezes, não podia mover a língua por tanto rezar o Credo e os Mandamentos e tinha os braços cansados de baptizar. (8)

Moveu-se sempre para o lugar onde se pedia ou devia tombar em sementeira a palavra de Deus. Em 10 anos, conta alguém, Xavier andou 100.000 quilómetros. (9) Por isso Vieira perguntava em um dos seus sermões, ao cotejar suas andanças apostólicas com as grandes viagens dos Argonautas ou de Fernão de Magalhães: «E que diremos de um homem, cujos passos caminharam tanto que puderam dar volta quatro vezes a toda a redondeza do mundo?» (10)

E por isso também declara assombrado o pregador, concernentemente aos saltos que deram os pés de Xavier:

«Que salto como o de Lisboa a Moçambique! Que salto como o de Moçambique a Goa! Que salto como de Goa a Meliapor! Que salto de Meliapor a Cambaia! Que salto como de Cambaia a Malaca! Que salto de Malaca a Amboíno! Que salto como de Amboíno ao Japão! Que salto como do Japão à China! E que salto (muitas vezes sem guardar esta ordem) do primeiro termo do Oriente até o último, com distância de mais de duas mil léguas de monte a monte!» (11)

Em curiosíssima simplicidade exalta Vieira o grande Santo. Aludindo a uma cartilha ou catecismo político-cristão, dedicado e oferecido à infância de um grande rei europeu, no qual estavam alfabetadas todas as virtudes necessárias a um bom governante, informa que no A figuravam as armas, no B a bondade, no C o conselho, no D o dar, no E o exemplo, no F a fama, etc. Mas essa cartilha, ao chegar à letra X, nada põe ou regista, contente com a autoridade de Quintiliano, comenta Vieira, que quase exclue o *X's* do número das letras. E prossegue «Que direi logo do X assim desamparado? Digo que no X se devia pôr *Xavier*, porque debaixo deste preciosíssimo nome e sua protecção estão recopiladas, e com maior eficácia, todas as virtudes...» (12)

São muitos, como dissemos, os sermões de Vieira consagrados à glorificação do Santo. No amanhã de tão perspicua matéria reparte-a o orador em duas partes. Numa, fala de *Xavier dormindo*, o que vale dizer de alguns sonhos do Santo; em outra, mostra a vida viva de Mestre Francisco e, portanto, de *Xavier acordado*. À primeira, devota cinco sermões; treze, à segunda.

De Xavier acordado ou vigilante, pouco custa inferir o que Vieira escreveu e clamou do púlpito: é a vida-movimento do Santo, ou, como ele próprio disse, Xavier todo, Xavier dentro de si, Xavier consigo! E ali conta e repassa os sucessos da existência de Mestre Francisco, «não dormindo, senão acordado; não jazendo, senão levantado; não parado,

senão andando, e com um pé sobre o mar, outro sobre a terra». (13)

Mas de Xavier dormente ou dormindo, que disse ou nos diz ainda o inclito orador?

Para Vieira, o Xavier dormindo não é todo Xavier, nem ainda parte de Xavier, é um desmaio de Xavier, um Xavier não em si e desacompanhado de si mesmo.

Mas em tais circunstâncias, o Santo sofre desânimos, tentações, alvorotados anseios, flagícios vários que a história da sua vida nos conta; dores, tormentos, fascinações de pecado, sentidas, sofridas e domadas enquanto dormia e sonhava.

Três são os sonhos de Xavier que Vieira narra e, o que é mais, interpreta, em uma formosa lição de psicologia contemporânea, interpretação retrospectiva, expressiva contribuição ao estudo da História da Psicanálise, de que tanto se fala e discute, por seu uso e abuso.

Este será o ponto chefe do meu discurso. Das muitas laudas dos nossos clássicos, alheios à Medicina, que Deus me tem permitido ler, nenhuma encontrei que mais e pròpriamente toque no assunto, quer dizer, que verse a onirologia ou oniroscopia, nada menos que a interpretação dos sonhos, cientificamente considerada, com o viso de se revelarem, salientarem e explicarem fenómenos das vivências normais e anormais, com fito terapêutico, mormente em neuroses.

É o que passo a contar-vos, com referência a S. Francisco Xavier e apenas a dois desses sonhos. Como diz Vieira, «com os olhos primeiro fechados, e depois abertos, promete o tosco desenho desta pintura mostrar em diferentes estampas ao mundo dois retratos ao natural do grande Xavier» (14). Veremos como o famoso orador sacro relacionou a arquitectura ou o teçume de dois sonhos do Santo com os sucessos extraordinários da sua vida. É certo que Vieira os comentou cem anos corridos sobre o passamento glorioso de Xavier e, destarte, a interpretação que fez dos sonhos designados condicionou-a ao conhecimento que houvera da sua vida, já realizada ou vivida, narrada por Padre Lucena.

Seja como fôr, *técnica* do exame onírico, a fenomenologia que considerou, a dedução que inferiu, tudo o fez Vieira com mão e talento de mestre, tal como hoje o executaria um arguto propedeuta psicanalista.

Já em certa maré pude expor a erudição científica de um outro poderoso clássico do século, o padre Manuel Bernardes, que em tantas páginas da *Nova Floresta* nos deixou curiosas amostras da sua cultura profana <sup>(15)</sup>. Como Bernardes, por certo menos opulento e profundo, António Vieira grava em todos os seus sermões curiosíssimos pontos de idêntica cultura.

Um destes, como já referi, comentou-o Egas Moniz, que leu no celebrado sermão que Vieira pregara às freiras bernardas de Odivelas sobre os malefícios do espelho, a que chamou *demónio mudo*. <sup>(16)</sup> O insigne neurólogo de Lisboa analisa certa frase em que o pregador se reporta à fantasia ou potência imaginativa do homem, que localiza no cérebro, em que estão «guardadas, como em tesouro secreto, as imagens de todas as coisas que nos entraram pelos sentidos, a que os filósofos chamam espécies». <sup>(17)</sup>

Na verdade, a frase é límpida e expressiva. Se não relacionarmos ou compararmos seu conteúdo com a dos textos da mais antiga filosofia, poderíamos deduzir que Vieira foi um «precursor das doutrinas organicistas que dão ao cérebro o valor da estação central das funções mentais» (Egas Moniz—loc. cit.); mas, embora a frase seja bela e exprima magistralmente a doutrina versada, o certo é que muitos séculos antes do nosso orador essa teoria se estabelecera, derramara e refinara.

Assim parcialmente o explicou já, e muito acertadamente, o Dr. Domingos Maurício, aludindo aos filósofos escolásticos, por estes termos:

«a doutrina das *espécies*, impressas e expressas, vem desde a Idade Média. A localização cerebral da imaginação criadora e reprodutiva, bem como da memória sensitiva, quer externa, quer interna e, indirectamente, da intelectiva, são elementos da psicologia da Escola, na sua expressão genérica, bem entendido, desde os velhos tempos de

S. Tomás: «...imaginativae virtutis ... organum este in anteriori parte cerebri». *In IV Libros Sententiarum Petri Lombardi*, lib. 2.º, dist. 20, quart, 2, art. 2; «in quo (cerebro) vis imaginativa et aestimativa et memorativa et sensus communis, organa sua habent» Cfr. *De veritate*, quaest. 18, art. 8 in corpore. E com S. Tomás, comumente, sentiam os Escolásticos» (18).

Não disserto agora, por serem dispensáveis, as considerações do Rev. Domingos Maurício sobre a interpretação organicista de Vieira, relativa aos fenómenos psíquicos do reconditório da fantasia ou da memória, que inteiramente perfilho. O que desejo é reviver aqui algumas outras palavras do ilustre historiador e crítico Jesuíta, quando se refere às páginas de Egas Moniz:

«elas permitem-nos vislumbrar como seria fecunda uma revisão séria das doutrinas dos velhos mestres escolásticos à luz da Ciência Moderna, para se concluir como, muitas vezes, longe de se encontrarem em dissídio com esta, eles foram, por via especulativa, admiráveis precursores do que, por via experimental e quantificável, a ciência hoje vai apurando» (19).

\*

Ao expor-vos hoje as observações de Vieira a respeito dos dois sonhos de S. Francisco Xavier, eu pretendo contribuir para o estudo a que se refere e deseja o Rev. Domingos Maurício, com tanta mais oportunidade, quanto é certo que elas se reportam à vida do glorioso Santo, que hoje se festeja. Elas são também uma clara prova de que na Ciência Moderna se revelam, quando bem se estuda a sua génese, longínquas e indiscutíveis raízes que o sentido prático do homem de nossos dias despreza ou desconhece.

O que Vieira em outro lugar disse e já expuz, a propósito da potência imaginativa do homem, não era novidade no século XVII. A localização dos fenómenos psíquicos no cérebro é já doutrina de Alcmeão de Crotona, que viveu 500 anos antes de Cristo, pois este grego, discípulo ilustríssimo da escola pitagórica ou itálica, proclamava que o cérebro era

sede do pensamento e do sensório. Entre tantos outros, dá-nos esta lição singela e conhecida o Professor Castiglioni no seu tão vulgarizado tratado de *História de Medicina*, de 1941, por estes termos:

«Segundo Alcmeão, não é no coração, como até então se tinha afirmado, que deve procurar-se a sede das sensações e o centro da vida intelectual, mas no cérebro, onde reside o pensamento, onde se recolhem as sensações» (20).

Para não enfadar com muitas outras alegações, lembro a do conhecido médico de Pérgamo, Galeno, que viveu há 1750 anos. Aí está ele a dizer-nos, na tradução de Littré, que o encéfalo é o princípio dos nervos, de toda a sensação e do movimento voluntário. Ou como diz em outra parte, a respeito daquele órgão:

«organe auquel aboutissent toutes les sensations, où naissent toutes les fantasies de l'imagination et toutes les pensées de l'intelligence» (21).

Se assim não fosse, declarava o insigne médico, a contrariar Aristóteles, mais velho meio século, o cérebro seria a modos de «uma esponja ociosa e informe».

A doutrina lê-se e conhece-se por toda a parte, depois destes e outros médicos a proclamarem. A Idade-Média, todo o século XVI adoptam-na inteiramente. E após Vieira, o fundo doutrinário é o mesmo. Oíça-se, entre mais, este conceito de imaginação, que nos dá Curvo Semedo, na sua *Polianteia*, do século XVII:

«é uma impressão que se faz no entendimento, de algumas cousas, ou figuras, que percebem os sentidos, imprimindo-se no tal entendimento como em cera uma marca, ou sinete das cousas, que conserva em si, até que com o largo tempo se apaga e desvanece.» (22)

Esta definição assemelha-se flagrantemente à de Vieira, que o antecede mais de 40 anos, mas que se imbebe na do grande anatómico espanhol Juan Valverde, em obra que adiante mencionarei. (Notas).

As imagens literárias usadas por Vieira e Semedo diferem, sendo ambas curiosas, como-se viu, embora a deste se leia tal qual no texto latino antecedente de Philus Hebreus (23).

Interessante é lembrar também que em obra do século XVI — onde se lê uma outra interpretação de sonho, o autor alude à representação de imagens no cérebro como em espelho natural, onde se conservam as coisas naturais (24).

Como se ouviu, o sentido da doutrina ou da definição existia antes de Vieira e já era a de Philus Hebreus e outros. Novidade ou marca nova são nêle, porém, as imagens, os símbolos, as interpretações, as formas literárias. Assim a da potência imaginativa e assim as do sono e do sonho, que passamos a examinar.

Oiçamos como começa Vieira o sermão sobre um dos sonhos de Xavier :

«Um dos maiores mistérios e mais delicados segredos da natureza na architectura humana é a fábrica dos sonhos. Sendo o sonho uma prisão universal dos sentidos, com que os olhos não vêem nem os ouvidos ouvem e assim dos demais; como pode ser que sonhando vemos sem ver, e ouvimos sem ouvir, e exercitamos os actos dos outros sentidos como se estiveram despertos? A razão ou filosofia deste artificio natural é, porque na memória (não espiritual, que é potência da alma, se não a corporal e sensitiva) estão depositadas as espécies de todos os objectos, ou as imagens de todas as coisas que entram pelos sentidos. Estas imagens, enquanto os sentidos dormem, estão encobertas e escondidas debaixo dos vapores grossos e espessos que sobem ao cérebro; e ao passo que os mesmos vapores se vão adelgaçando e desfazendo, as imagens aliviadas deles se vão também descobrindo e representando à fantasia, que por outro nome se chama imaginativa e é a potência com que imaginamos (25)».

Como se ouviu, está aqui encerrada boa parte da doutrina que Egas Moniz comentou, a propósito do sermão *Demónio mudo* de António Vieira. Ela também não é nova. Lemos em velhíssimos autores esta origem vaporada dos sonhos, isto é, o sono provo-

cado pela abundância de vapores crassos que subiam do estômago, <sup>(26)</sup> teoria muito diversa das que hoje se expõem e em que se derrama ainda muita escuridão, como pode ver-se em recente trabalho do Professor parisiense Jean Delay <sup>(27)</sup>.

Seja como for, temos o nosso Vieira a explicar os sonhos, fundado em doutrina aristotélica, mais velha que nós 2400 anos.

... . . . Fazei ou lavrai de cortiça (diz Aristóteles) uma quantidade de rãs maiores e menores, e com esta forma, ou sem ela (que só é necessária para maior primor da comparação) ponde-as todas sem ordem, nem conserto no fundo de um grande vaso. Assim postas, lançaí sobre elas uma camada de sal, de modo que fiquem cobertas todas e não apareçam; e logo enchendo de água até cima o mesmo vaso, esperai um pouco e vêde o que vêdes. Coisa verdadeiramente curiosa e ao nosso intento admirável! Assim como se vai desfazendo o sal com a água, assim vão surgindo e se vão aboíando as cortiças pouco a pouco, aqui uma, acolá outra, umas antes, outras depois, até que aparecem todas. Isto mesmo é o que acontece nos sonhos. Porque as imagens escondidas das coisas que entram pelos sentidos, desafogadas dos vapores que as oprimiam, se vão descobrindo e aparecendo à fantasia, ou sem nenhuma ordem, se os sonhos são naturais, ou se são sobrenaturais e divinos, com aquela ordem, e disposição que é necessária para mostrarem e darem a entender o que significam».

Ao sono chama o insigne orador *morte breve* ou *imagem da morte* e aos sonhos *imagem da vida*, como Séneca chamara à morte *morte longa*, para a distinguir do sono <sup>(28)</sup>. Comenta Vieira: *cada um sonha como vive* <sup>(29)</sup>.

Não resta dúvida que pode adaptar-se aqui o tema de um velho adágio: *dize-me o que sonhas e dir-te-ei quem és!* Agora antedirei ser geralmente sabido que entre os modernos psicólogos foi Segismundo Freud aquele que prestou ao estudo do nosso inconsciente especial atenção e ao sonho, por isso, particularíssima importância, criando um novo ramo dos conhecimentos humanos a que se chama Psicanálise. Embora desde remotíssima época se conheça a inter-

pretação dos sonhos, mormente no sentido profético (como o do Faraó bíblico) <sup>(30)</sup> e toda uma extensa e complicada prática oniroscópica tenha avassalado a curiosidade humana, a verdade é que somente nos tempos modernos ela foi arvorada em processo de análise psíquica e de terapêutica mental <sup>(31)</sup>.

Não sobeja o tempo para entrar neste capítulo e desenredá-lo. Mas basta informar que são inúmeras, por todo o mundo, as clínicas psicanalíticas especialmente dedicadas a indivíduos atacados por neuroses, campo este em que tem surgido oportunas e prudentes intervenções da Igreja, no sentido moralizador e doutrinário <sup>(32)</sup>.

No ponto de vista caracterológico são muitos, também, os estudos que se baseiam no conhecimento do sonho para definir o carácter <sup>(33)</sup>. Referentemente à explicação dos fenómenos existenciais humanos por meio da análise dos sonhos, o exemplo que nos fornece Vieira, examinando há 300 anos, alguns dos sonhos de S. Francisco Xavier, é sumamente curioso.

O que sonhou então o Santo, que tanto surpreendeu e impressionou o famoso jesuíta do século xvii?

O primeiro sonho de Xavier, que se lê em Lucena <sup>(34)</sup>, assim o descreveu o arguto psicólogo da Companhia :

«Antes de partir o Santo para a Índia, sonhou por muitas vezes que andava lutando com um índio agigantado e robustíssimo, o qual o apertava entre os braços e oprimia com tanta violência, que tomadas as vias da respiração, quase o trazia a termos de expirar: outras vezes se lhe passava dos braços aos ombros, e parecia-lhe a Xavier que trazia às costas o mesmo índio estranhamente pesadíssimo, gemendo e anelando debaixo da carga tão fatigado e ansiosamente, que muitos dias, depois de acordar, sentia os ossos moídos e quebrados. A luta e o peso era sonhado, mas o peso verdadeiro.»

E comenta António Vieira :

«Não há dúvida que tudo isto foram profecias do muito que o Santo havia de causar e trabalhar na conversão daquele grande gigante da Ásia,

e vastíssimo império do Oriente, com quem tanto lutou em vida para o converter, e a quem hoje traz às costas para o conservar».

O segundo sonho de S. Francisco Xavier, interpretado por Vieira, é como o narra:

«dormindo o Santo em um hospital de Roma, onde tinha por cama uma tábua aos pés do enfermo mais perigoso, foi ouvido uma noite exclamar subitamente e repetir a altas vozes: mais, mais, mais» (35).

Comenta Vieira imediatamente:

«Não se soube então, nem se pode entender a causa daquelas vozes; mas qual vos parece que seria? Três mais há neste mundo, pelos quais suspiram, pelos quais anelam, pelos quais morrem, e pelos quais se matam os homens: mais fazenda, mais honra, mais vida. Seria alguma coisa destas, ou todas três, a que Xavier desejava com tantas ânsias, as que pedia com tantas vozes? Vêde que diferentes eram e confundámo-nos todos. Representou-lhe Deus aquela noite em uma visão de fomes, as sedes, os perigos, os caminhos, os naufrágios, os ódios, as perseguições, os falsos testemunhos, e todos os outros trabalhos e afrontas, que havia de padecer por seu amor; e com serem tão grandes, tão excessivos, tão inumeráveis, era tão generoso o ânimo de Xavier, e a sêde de padecer por Cristo tão fervorosa, tão ardente, tão insaciável, que nada o intimidava, nada o satisfazia, nada o fartava, tudo lhe parecia pouco; e assim pedia mais.»

Ao versarmos este ponto é de recordar que, em frente de tantas tribulações passadas por esse rescaldeiro da Ásia, jámais se atemorizara o Santo com outras que se lhe deparavam no apostolado.

Um dia, o Governador da fortaleza de Ternate, nas Molucas, proibiu o Santo de embarcar dali para as próximas e perigosas ilhas de Moro. Pois o Santo apenas respondeu: *irei a nado!*

Voltemos aos sonhos de Mestre Francisco e oiçamos a proposição de Vieira, a tal respeito: (36)

«S. Francisco Xavier foi tão grande Santo dormindo, como os maiores Santos acordados. Tão grande, disse, e ainda me vinha ao pensamento dizer maior. Os outros Santos, para serem santos,

é-lhes necessário que vigiem: S. Francisco Xavier, para ser maior que os maiores, basta-lhe que durma. Esta é a proposta, que se me oferecia à fantasia, como se eu também sonhasse: mas nem a minha devoção se atreve a tanto, nem se contenta com menos. Direi o que puder provar, e então saberei eu, e julgarão os que me ouvirem, o que hei-de dizer.»

Comecemos a examinar a análise dos sonhos de Xavier, como a fez Vieira, que explica:

«os sonhos são uma pintura muda, em que a imaginação a portas fechadas, e às escuras retrata a vida e a alma de cada um, com as cores das suas acções, dos seus propósitos e dos seus desejos.» <sup>(37)</sup>

Parece que estamos a ouvir Hipócrates de Cós, o Patriarca da Medicina, que há cerca de 2300 anos escreveu:

«quando o corpo repousa, a alma, nua e andante por todo esse corpo, governa o seu próprio domicílio e executa ela própria todas as acções corporais. Com efeito, o corpo, dormindo, não sente; mas ela, acordada, tem conhecimento, vê o que se vê, ouve o que se ouve, anda, toca, aflige-se, recorda-se, cumprindo-se, durante o sono, todas as funções do corpo ou da alma.» <sup>(38)</sup>

Já dissemos que Vieira faz as interpretações dos sonhos de Xavier cem anos após a morte deste Santo, isto é, retrospectivamente, como começara Lucena na sua obra. Tal Kretschmer, insigne médico germânico de nossos dias, interpreta em uma sua obra certo sonho antigo de Bismarck, cuja simbologia condiz com sucessos especiais de sua vida de político e militar. <sup>(39)</sup>

Pois também Vieira, como se ouviu e ouvirá, soube retrospectivamente procurar e rastrear em sonhos do Santo Xavier os caracteres provados da sua epopeia apostólica.

No trecho que acabei de reproduzir há muita doutrina moderna, lúcida e exposta, mas que o orador sacro ilumina desta arte:

«Galeno, para conhecer os humores do enfermo, manda observar os sonhos: e também se podem observar para conhecer os afectos, que são

humores da alma. O melancólico sonha coisas tristes e trágicas, o sanguinho sonha felicidades e festas, o colérico sonha guerras e batalhas, o fleumático creio que não sonha, porque não vive» (40).

Há também aqui, neste curioso conspecto, muita verdade, pois sabido é que se relacionam, em Medicina mental, certos sintomas oníricos com determinados estados psíquicos anormais (41). Neste particular são inexcedíveis precursores, entre muitos, os velhos Hipócrates e Aristóteles. O primeiro escreveu num só pequeno livro sobre sonhos e sua importância clínica e terapêutica; e o segundo dizia, em obra já citada, que era preciso que os médicos hábeis lhes dessem mais importância (42)!

*Nihil novi sub sole*, aconselha-nos de há muito o prudente Salomão.

E voltemos, agora, à parte mais delicada e precisa do texto de Vieira sobre os sonhos de Xavier, que tínhamos deixado.

Principia por lembrar que os sonhos são *reliquias dos cuidados*, isto é,

«reliquias daqueles actos que pelas espécies recebidas dos sentidos se formam na imaginação» (43).

São, portanto, autênticas *reliquiae cogitationis*, como se diz no Salmo do Evangelho (75. § 11) (44) e ele lembra.

E vêde como o nosso Padre Jesuíta explica as coisas, aludindo a que David dizia que tais relíquias de cuidados faziam dias de festa a Deus:

«os cuidados são exercício de homens acordados, os sonhos são atenções de homens dormindo: os cuidados são os desvelos da atenção; os sonhos são as desatenções do descuido. E quando um homem dormindo está como fora e apartado de si mesmo, que esteja tão em si, e tão unido a Deus, que assim dormindo o ame, assim dormindo o sirva, não há dúvida que é uma representação tão nobre e tão gloriosa, que merece ser festejada no céu; e que ou a corte do céu desça de noite à terra a lográ-la ou que ela seja levada ao céu, para lá fazer a Deus um dia de festa: *Diem festum aget tibi*» (45).

Vieira conclui, referindo-se a essas *reliquias dos cuidados*, que são os sonhos e às *reliquias materiais do Santo* :

«as que vos hei-de mostrar são a imagem da sua vida e as *reliquias dos seus cuidados*» (46).

Ora Freud ensinou também a estudar o inconsciente por meio dos sonhos e pretende demonstrar que *aquilo com que sonhamos é o que desejamos*. É mais diz que aos sonhos se agregam os *restos diurnos* da experiência de cada dia (47).

Em resumo, como sintetiza Ibor, *el ensueño es la realización de los deseos reprimidos del inconsciente* (48) ou, como quer o próprio Freud, o sonho *representa a tentativa de realização desses desejos* (49).

Pois, segundo a velha doutrina expressa na análise de Vieira àqueles dois sonhos de S. Francisco Xavier, podemos inferir que se identificam os seus *anseios de apostolado* e as *reliquias dos seus cuidados* na fé de Cristo aos *desejos reprimidos* e aos *restos diurnos* da sua vida, na teoria freudiana moderna da interpretação científica dos sonhos.

O que foi a vida do Santo Xavier justifica plenamente o belo texto psicanalítico do Padre Vieira onde, sem dúvida, embora retrospectivamente nos dá, de modo inultrapassável, uma preciosa lição da especialidade, nos moldes das teorias do tempo, idóneas precursoras das contemporâneas. Foi com o estremo espírito de psicólogo que o genial intérprete as iluminou e esclareceu, de forma inconfundível!

O ilustre psiquiatra madrileno Lopez Ibor, com quem tive a honra de conviver, há pouco, afirma que *para la tarea psicoterapêutica importará el sentido del sueño* (50). É o mesmo, afinal, que ensinava há muitos centos de anos o filósofo de Estagira (51) e o que, há perto de quarenta, indicava Segismundo Freud (52).

Como dissemos, Vieira procurou encontrar aquele *sentido dos sonhos* de Xavier, por caminho a que se refererem autores de nossos dias. E não se comente com agridão o ter Vieira aceite o carácter

profético dos sonhos de Mestre Francisco. Se lermos um novíssimo tratado de Medicina psicossomática, tal o do distinto psicólogo espanhol Rof Carballo, topamos com esta lição, ao falar das teorias de Freud e de Jung (53):

«Interessa a Freud o *porquê* do sonho; a Jung, o *para quê* do mesmo; ao primeiro, o que oculta do passado; ao segundo, o que projecta para o futuro. Os sonhos são para Jung *antecipações*, uma «totalidade», um «drama», cheio de sentido e aleccionador.

O sonho tem sempre, na Psicologia de Jung, uma determinada finalidade: a de mostrar ao indivíduo uma circunstância ou uma situação problemática do decurso da sua vida, da qual a consciência não dá conta. No fundo, esta interpretação vincula-se ao modo de entender os sonhos no mundo antigo, que lhes concedia um «sentido profético».

Sobrepensando bem, daqui procede que as observações de P.<sup>e</sup> Vieira autorizam-nos a dizer que ele soube lapidarmente conceber a ideia do sonho prospectivo que os modernos aceitaram 300 anos depois, como se pode ler em Binswanger e Ibor. (54)

E também assim toda a vida do Santo Xavier se explica, na verdade, pelos sinais ou sintomas daqueles dois estranhos sonhos, previsores de tamanhos trabalhos, esforços e martírios, sonhos proféticos que Vieira tão bem soube interpretar.

A existência do Santo cabe, na verdade, toda dentro daqueles dois sonhos, aí retratada e prevista. Neles Deus apontava a Xavier as batalhas e escondia-lhe as glórias, (55) porque estas eram aquelas. (56)

Com razão exclamou Vieira:

«A missão para que Deus prevenia a Xavier naquele sonho, era a maior que nunca houve no mundo; porque também o mundo então era o maior que nunca havia sido.» (57)

Com que devoção e elevação Vieira comenta, voltando aos *mais* que atrás relembramos:

«Dava Deus uma volta ao torcedor com os trabalhos, pobreza, misérias, fomes, sedes, enfermidades, penas, dores, aflições, angústias; e Xavier res-

pondia: mais. Dava outra volta com perseguições, ódios, invejas, iras, traições, afrontas, injúrias, desprezos, calúnias, com tantas acusações falsas, públicas, horrendas, contra a inocência, contra a virtude, contra o zelo da honra de Deus, e salvação das almas; e Xavier, mais e mais. Dava outra volta com os perigos, tempestades, naufrágios, com todos os elementos, e a mesma natureza, conjurados contra uma vida, com a fereza dos bárbaros, com a crueldade dos tiranos, com a pertinácia dos demónios, com venenos, serpentes, feras, armas, cruces, mortes, e mil géneros de mortes; e Xavier, mais, mais, mais.»

Certo e sobrecerto é que a epopeia apostólica, tanta vez dramática, de Mestre Francisco, foi invulgaríssima e invulgaríssimo o fruto da sementeira. Prorrompe assim Vieira:

«era tão faminto, tão insaciável e tão grande comedor de almas, como se viu depois que Deus o pôs à mesa... Em dez anos que Xavier cultivou a Ásia, converteu um milhão e duzentas mil almas. Reparti esta soma pelos anos e pelos dias: pelos anos são cento e vinte mil almas cada ano; e pelos dias, são trezentas e vinte e nove almas cada dia. Já me não espanto que Xavier passasse tantos dias sem outro mantimento, pois o seu pão de cada dia era tanto e tão substancial, como são as almas».

Dias houve em que o Apóstolo da Índia, como atrás recordamos, não podia mover a língua, de tanto rezar; e os braços lhe caíam inertes, na fadiga de tantos baptismos que fazia, escreve ele mesmo em uma de suas cartas. <sup>(58)</sup>

Tudo dores e sacrificios, esses que os seus sonhos lhe profetizaram e que no fundo dos mesmos apareciam como *reliquias de cuidados* e reprimidos desejos!

Parece, pois, que com seguríssimo argumento e fortíssima razão Vieira pregou que Xavier enchera em si e por si mesmo o que faltou ao apostolado de S. Paulo, como este clamava convictamente que em si próprio enchia ou cumpria o que faltou à paixão de Jesus-Cristo. <sup>(59)</sup>

Xavier completa em S. Paulo o que S. Paulo completara no martírio do Senhor! Aí se compendia

sagradamente toda a lição psicológica de António Vieira na análise dos sonhos do Apóstolo da Ásia Portuguesa, sonhos em que se revelaram e profetizaram os seus pasmosos trabalhos evangelizadores! Xavier completa em S. Paulo o que S. Paulo completara em Jesus! É hoje o dia em que a Igreja Católica festeja a conversão prodigiosa desse mesmo S. Paulo que anunciava aos colossenses: «completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo...», «qui nunc gaudeo in passionibus pro vobis... in carne mea pro corpore eius...». (60)

Alegra-nos, neste dia glorioso da sua conversão, comemorar esse gigante filho de Tarso ciliciense, martirizado há 1187 anos. E alegra-nos juntar à lembrança o navarrese Francisco Xavier, que tantas vitórias apostólicas tem oferecido a Portugal.

E como se não bastara o que deu, recorde-se o que profetizou, em conhecida carta a S. Inácio: Mestre Francisco dissera que o que *convertia a Ásia era a oração da Europa!*

Que esta sua espantosa verdade de então seja a cobiçada verdade de hoje. Ó perfeito Santo, roga a Deus que as tuas palavras de há 400 anos sejam agora, para todos, a maior esperança da Europa, que pela Ásia continua a gozar trememente, mas confiada em ti!

\*

No meio-dia quente e humaníssimo do afreimado milagre missionário do século XVI duas grandes figuras estrangeiras releva e revela o fulgor do sol divino, que então esclarecia gloriosamente o Império português: Padres José de Anchieta e Francisco Xavier.

Deu-no-os a Espanha: o primeiro, nos seus catorze anos de vida; o segundo, nos trinta e cinco. Aquele, Anchieta, excelso apóstolo do Brasil ao serviço de Portugal, a quem os índios catequizados chamavam amistosamente *pazé-guassu* (ou amarra mãos) e os Portugueses consideravam Santo, foi na verdade um santo e um sábio.

Garante-o, na virtude insigne, a sua extrema piedade e o seu esforço catequístico; na Ciência, garante-o o escrito que nos deixou e se conhece por *Epistola quam plurimarum rerum naturalium*, de 1560 e é, sem dúvida, uma das mais célebres obras pioneiras da Zoologia e da Botânica brasileiras <sup>(61)</sup>. E lembremos que sua acção na assistência médica aos brasis foi tanta e certa que alguém lhe chamou Galeno brasileiro e o primeiro « ginecólogo do Brasil », como recorda o ilustre historiador da Companhia de Jesus em terras de Santa Cruz, P.<sup>e</sup> Serafim Leite <sup>(62)</sup>.

Francisco Xavier, espanhol como Anchieta, parte também ao serviço de Portugal, mas para a Índia (a que chamou *charco de peste*) em 1541, onde conquistou um novo reino de Cristo no velho mundo de Deus.

São os dois, Xavier e Anchieta, sem que o conteste nosso açodado patriotismo, marcas insignes da Espanha no fenómeno português quinhentista ultramarino.

A ambos, lusos corações e bocas lusas de milhões de crentes ou justíssimas e apontadas canetas de historiadores têm glorificado, exaltado, alçado a raros visos de amor e ternura.

Em ternura e amor imensos, sem marcos, desmedidos como a eternidade das suas conquistas, as almas portuguesas lhes têm agradecido, de joelhos rasos na laja fria e crespa da Humildade, as graças, os serviços, os esforços, a heroicidade apostólica.

E é de joelhos nus sobre essa mesma laja crespa e nua da Humildade que os Cristãos portugueses lembram que das charneças quatrocentistas, esfaimadas, impérvias e pestosas do nosso Alentejo, saíra também um dia para a glória de Espanha o pegureiro e soldado andejo João Cidade, que havia de ser o magnífico S. João de Deus, esse que o próprio Voltaire, no *Dicionário filosófico*, lembra e distingue. <sup>(63)</sup>

Já uma vez escrevi, com alegria, mas sem inchaços de soberba:

«Em 1942 havia sido aceite o Tratado de Tordesilhas que dividia o mundo físico ultramarino em duas partes, uma para Portugal e outra para a

Espanha. É curioso notar que outros como que tratados de Tordesilhas foram as trocas que os dois mundos espirituais da Península Ibérica assinaram, para que a Espanha nos desse uma rainha Santa Isabel, um S. Francisco Xavier ou um apóstolo do Brasil como foi José de Anchieta, contra a dádiva não menos volumosa de Portugal a Espanha, S. João de Deus!

Creio que nestas trocas de tão sagrados intuitos, designios e actos ambas as Nações se deram por bem pagas e recompensadas.» (64)

Então recordei, com o assombro de sempre, o listel resplandecente dos Santos de Espanha, medrançoso criadouro deles, Teresa de Jesus e Domingos de Gusmão, João da Cruz e José Calazans, Bispo Isidoro e Vicente Férrer, Tomás de Vilanova e João de Sahagun, Rei Fernando e Pedro de Alcântara, Francisco de Borja, Inácio de Loiola, Rafaela Maria e tantos mais!

Mas a S. João de Deus, de mocinho albergado na segunda pátria que o Senhor lhe marcou, anexam-no os crentes de Espanha à sua lucilante fileira dos servos de Deus.

Da mesma sorte a Magna Itália de tantíssimos Santos chamou inteiramente a Pádua o nosso queridíssimo Santo António, genuinamente lisbonense.

E Portugal não tem ciúme: os Santos são, na verdade, os anjos de todo o Mundo, cujas almas o iluminam do alto, como os astros do docel sempiterno de Deus Omnipotente, Criador do Céu e da Terra.

Por isso o próprio Santo Xavier, um dos mais sagazes diplomatas da península Ibérica, rogava que não fossem ao Japão, que missionava, os navios da sua Pátria!

Entretanto, o exacto é que, de par com os Santos filhos espanhóis ao serviço de Portugal, o mesmo Portugal tinha podido contar — e contou exultantemente, com alguns de seus filhos maiores em Cristo.

Nesse mesmo Japão de Xavier, meia dúzia de anos após a sua morte, um moço cirurgião de Lisboa, que vestira a roupeta da Companhia de Jesus e se chamava Luís de Almeida, começa a escrever uma

das mais belas páginas da evangelização nipónica e da Medicina portuguesa, por ele introduzida nesse longínquo país, antes de qualquer outro povo da terra.

O cirurgião-padre morre em santidade digna de memória. E é sempre com espantosa veneração que eu evoco o nome deste insigne jesuíta português, criador dos primeiros Hospitais e criandários europeus no Japão e, concomitantemente, da sua primeira escola europeia médico-cirúrgica <sup>(65)</sup>.

Este, na Ásia! E no Brasil? Aqui, a segunda maior epopeia portuguesa escrita e feita por Padres portugueses, da estatura de um Manuel da Nóbrega e de um Fernão Cardim, ambos jesuítas!

Deus generosíssimo, como vemos, repartiu a seara apostólica portuguesa por Espanhóis e Portugueses e a espanhola por Portugueses e Espanhóis.

A todos coube e cabe sua parcela. Justo é recordá-lo nesta noite, ao invocar aquele que a toda essa epopeia cristianíssima e a todos os seus heróis missionários cobriu e cobre de inenarrável e imensa graça: S. Francisco Xavier!

Lá muito longe, moribundo na sua rústica e humil-díssima cabana indígena da ilha de Sanchão, à vista da China, tão longe e diferente do castelo fidalgo em que nascera, o Santo segredava, embevecido na morte que sonhara, ao seu pobrezinho companheiro de catequese <sup>(66)</sup>:

*«Ah! Manuel, como é bom morrer por Cristo»!*

E, quem sabe, meu Deus, se a santíssima alma do apóstolo da Ásia não completaria, para si apenas e nesse transe final, com mais três palavras aquela afirmação da agonia:

*«Como é bom morrer por Cristo... e por Portugal»!*

O Portugal por quem o Santo morrera está aqui também nesta sala universitária, a agradecer-lhe tanta benesse de honra amiga, do generosíssimo fidalgo que jámais se deixára boiar na cortiça da vaidade, como lhe chama Bernardes.

Quando o Santo, o humilde Mestre Francisco se compraz em dizer *nós os Portugueses* <sup>(67)</sup>, bem se

avalia como ele compreende, vive e faz seu o quadro e o valor dos Portuguezes no século XVI, ao ponto de com eles se identificar, lembrou, não há muito em Paris, o nosso erudito evangelizador e meu venerado amigo Padre António Pires.

Sim, meus queridíssimos amigos. Nós os Cristãos de Portugal e do Império jámais saldaremos nossas largas e copiosas contas com S. Francisco Xavier. De tantas graças com que nos dotou e de que quinhoamos com tanto proveito, uma é grande, impressionantemente grande: a de se ter assim naturalizado português por sagrada escritura na apostólica Secretaria de Estado de Cristo-Rei!

O sermos, deste jeito, compatriotas, em Cristo, de S. Francisco Xavier, é a mais fina honra que ele nos poderia conceder!

Ao afirmá-lo, eu ousou repetir, comovido e sedento, aquelas inocentes, claríssimas palavras do rei japonês de Bungo que o Santo enfeitiçara com o catecismo Cristão, há quatrocentos anos <sup>(68)</sup>:

*« Ah, Mestre Francisco, se eu quero ir para o Céu é para estar ao teu lado »!*

## Notas e Esclarecimentos

(1) Hernâni Cidade. *Padre António Vieira. Estudo biográfico e crítico (acompanhado de um sermão e uma apologia acerca do Quinto Império)*. I. 1940, Lisboa. Pág. 6-7.

Aludo à sua instrução científica no estudezinho que fiz sobre *A erudição científica de Manuel Bernardes na «Nova Floresta»*. «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», XIII. 3-4. 1950, Porto.

(2) Egas Moniz. *Sobre uma frase do Padre António Vieira*. «A Medicina Contemporânea», 1, 1952, Lisboa. Pág. 10.

(5) Domingos Maurício. In crítica ao trabalho anterior. «Brotéria», 1952, Lisboa. Pág. 493 e seg.

(4) Insertos na «Colecção Obras Primas da Literatura Portuguesa», *Sermões do Padre António Vieira*. Vols. 13 e 14, 1908, Porto.

(5) João de Lucena. *Historia da vida do Padre S. Francisco de Xavier*. Ed. de 1788, Lisboa.

(6) Vieira, *Sermões*, cit. em nota 4. Vol. 13, pág. 279.

(7) Luís de Pina. *Conceito histórico e médico da caridade de S. João de Deus*. «Acção Médica», 58-59. 1950-1951. Lisboa, 1951. Vd., ainda, sob o tema loucura e santidade: A. Veloso, *A loucura de um santo*. «Brotéria», 1951, pág. 257 e seg.; António Arriaga. *Santidade, poesia y locura*. «Medicamenta», 1951, Madrid. Pág. 145. No que se refere à psicologia do misticismo vd., entre mais, os estudos publicados já depois da leitura desta conferência: G. Capdevila. *Contribución de los escritores místicos españoles del siglo XVI a la historia de la Psicología*. «Archivos Ibero-americanos de Historia de la Medicina», IV (1952, Madrid), pág. 79 e seg.; e Baruk, Launay e Roland, *Contribución à la psychologie et à la psychopathologie des mystiques*. «Annales Médico-psychologiques», 1 (1953, Paris). Pág. 1 e seg.

(8) Jerónimo da Câmara Manuel. *Missões dos Jesuítas no Oriente nos séculos XVI e XVII*. 1894, Lisboa. Pág. 15.

(9) Domingos Maurício. *Portugal e S. Francisco Xavier*. «Brotéria», 1952. Pág. 482.

(10) Vieira. *Sermões*, 14.º vol. Pág. 10.

(11) Vieira. *Sermões*, 14.º vol. Pág. 20.

(12) Vieira, *Sermões*, 14 vol. Pág. 41.

(13) Vieira, *Sermões*, 13 vol. Pág. 151.

(14) Vieira, *Sermões*, 13 vol. Pág. 35.

(15) Vd. nota anterior n.º 1.

(16) Vieira, *Sermões*, 3. Pág. 295 e seg.

(17) Vieira, *Sermões*, 3. Pág. 304.

(18 e 19) Domingos Maurício. *Ob. cit.* Vd. nota 3, anterior. O próprio Vieira, no *Sermão* xaveriano (13.º pág. 42) estampa a noção aristotélica: *os sonhos são reliquias daqueles actos que pelas espécies recebidas dos sentidos se formaram na imaginação*. Domingos Maurício explica, na «Brotéria» (1952, pág. 494): *o que, decerto, não faz Vieira é interpretar, em sentido puramente organicista os fenómenos psíquicos da fantasia ou da memória. Admitir o maravilhoso mecanismo das funções e localizações cerebrais, que eles envolvem, directa ou indirectamente, dentro do esquema que Egas Moniz sinteticamente resume nestas páginas, não é prescindir do princípio activo ou dinâmico, que as põe em movimento, que a coordena e subordina em ordem às expressões de ordem espiritual, intelectual ou afectiva, a que estão associadas.*

(20) Arturo Castiglioni. *Historia de la Medicina* (trad. espanh.), 1941, Barcelona. Pág. 133. Bernardino de Monserate, espanhol, no seu *Libro de Anathomia del hombre*, de 1551, de que existe um exemplar na Faculdade de Medicina do Porto, aponta como causas do sonho (pág. CXXII, v.º): *del mismo cerebro y ansi mismo las figuras reservadas en la fantasia o en la memoria de las cosas conocidas por los sentidos exteriores...*

*E las figuras de las cosas que se alcançan por los sentidos exteriores reservadas en la fantasia y en la memoria en el sueño.*

Como se vê, a identidade de conceitos acusa fonte comum muito velha, no que respeita à discutida frase de Vieira.

(21) *Oeuvres anatomiques, physiologiques et médicales de Galien*. Trad. por Ch. Daremberg. 1854-1856. Paris, 2.º vol. Págs. 52-53, 535, 541, etc.

(22) Curvo Semedo. *Polyanthea medicinal*, etc. 1727, Lisboa. Pág. 93.

(23) Ind. por Semedo, *loc. cit.*

(24) O citado quinhentista espanhol Bernardino de Monserate, na parte que denominou, no seu livro citado *Declaración de un sueño q̄ soñó el Ilustrissimo Señor Don Luis Hurtado de Mendoza, Marques de Mondejar*, diz que o cérebro é espelho natural em que se conservam as figuras naturais, no estado de vigília.

Vd., ainda de Luís de Pina, *A Cultura Anatómica em Portugal no século XVI e a «Minocosmografia» de Anaré Falcão de Resende*, «O Instituto», 107, 1946, Coimbra; e Luís Lopez, *La Anatomía y los anatomistas españoles del Renacimiento*, 1943, Madrid.

(25) Vieira, *Sermões*, 13.º. Pág. 73.

(26) Vd. Luís de Pina. *A Cultura Anatómica*, etc., ob. cit.

(27) Jean Delay. *La Psycho-physiologie humaine*. 1951, Paris. Pág. 45. — Vide Sumária exposição em *Génesis y significacion de los sueños*, de Joaquim Costa, «*Medicamenta*», 1946, Madrid. Pág. 326 e seg. Merece a atenção a excelente obra de Saintyves, *En marge de la légende dorée. Songes, Miracles et Survivances*.

(28) Vieira, *Sermões*. 13.º. Pág. 92.

(29) Vieira, *Sermões*. 13.º. Pág. 40 — Hipócrates de Cós (in *Oeuvres complètes d'Hippocrate, traduction nouvelle avec le texte grec en regard*, etc., por É. Littré, 1839-1861, Paris. Vol. 60, 641), afirma que a alma muda enquanto se dorme; e Vieira (13 e 92), também diz que ela está então *divertida, e como espalhada pelos sentidos e potências exteriores*. O Rev. António Blanco, da O. P., médico de Oviedo, esclarece-nos em sumária nota sobre *El sueño y las funciones del alma ¿Piensa el alma durante el sueño?*, na revista «*Medicamenta*» (1953, pág. 233); e diz: *si el cristiano, en el momento de dormirse, piensa en Dios, todos los elementos de la vida religiosa, unidos a las facultades sensitivas, se reforzarán y asociarán durante el sueño, y harán más fácil la vida espiritual en el estado de vigilia. Quizá el método ignaciano, recomendando leer la víspera los puntos de la meditación del día siguiente, tenga aquí el fundamento de su éxito.*

(30) Rof Carballo. *Medicina psicomatica*. 1950, Madrid. Baruk (*Psychose et Nevroses*, 1951, Paris, pág. 53) escreve: *le rêve est quelquefois supérieur aux facultés rationnelles: en effet des impressions, des données d'observations peuvent échapper à notre inconscient qui est en général infiniment plus riche et plus sensible. Ainsi s'expliquent parfois certains rêves prophétiques...*

A antiga literatura medieval quincentista encheu-se copiosamente de obras onirológicas, como nos indica o infatigável Lynn Thorndike na sua monumental (*A history of magic and experimental science* (v. g. no vol. VI desta obra, de 1951, N. Iorque): — em algumas se versam os sonhos de Salomão, de Daniel, etc.).

(31) Oliver-Brachfeld dá expressivo exemplo desta prática no seu livro *Cómo interpretar los sueños* (Barcelona, 1949); no final regista copiosa chave de sonhos (*apendice*, pág. 236 e seg.). A velha literatura de cordel inclui muitas destas chaves da significação dos sonhos, que se podem ver nos almanaques populares, no *Livro de S. Cipriano*, etc.

(32) Luís de Pina. *Curso de Psiquiatria. Programa*. 1953. Pág. 163-166.

(33) Vide, entre mais, de M. Criará *Il sogno come elemento diagnostico del tipo caratterologico*. «*Archivio Generale di Neurologia, Psichiatria e Psicoanalisi*», XIX, 1938. Nápoles, 1938; sem deixar de referir que é fundamental neste capítulo a doutrina de S. Freud, expressa em tantos de seus

estudos. Entre muitas e diversas teses de formatura da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, com temas psiquiátricos e psicológicos, apontamos a de João Rebelo, *Breve estudo sobre os Sonhos*, de 1902.

(34) Lucena, *ob. cit.* I, 50. (ed. de 1600) e Vieira, *Sermões*, 13.<sup>o</sup>-37.

(35) Vieira, *Sermões*, 13.<sup>o</sup>-38.

(36) Vieira, *Sermões*, 13.<sup>o</sup>-39.

(37) Vieira, *Sermões*, 13.<sup>o</sup>-40.

(38) *Oeuvres complètes d'Hippocrate*, *ob. cit.*, 641.

(39) Cit. em Rof Carballo, *Patologia psicossomática*, *ob. cit.*, 79.

(40) Vieira, *Sermões*, 13.<sup>o</sup>-40.

(41) Assim diz Sadler, entre tantos outros: *dreams are fabrications of the subconscious mind. They may be an expression on unfulfilled wishes, but they are just as likely to voice antecedent doubts, fears, and anxieties or to reflect or echo some of the immediate activities in the experience of the preceding day. Jung emphasizes the compensatory function of dreams...* In «*Practice of Psychiatry*. St. Louis, O. S. A. 1953, pág. 29-30.

(42) Hipócrates. *Ob. cit.*, 645 e seg. São inúmeras as obras de todos os tempos sobre o tema, desde Gregos e Egípcios, a Israelitas, a Árabes, aos modernos, como resumidamente indica P. Diepgen, *Historia de la Medicina* (trad. espan.), 1932, Barcelona, pág. 141.

Aristóteles dá lição curiosa neste campo. Vide *Aristotelis stagiritaë — De Sensu et Sensibili, Memoria et Reminiscentia, Somno et Vigilla, Insomnijs, Divinatione in somno*, etc. Francisco Vitablo interprete, 1554, Leão — E, também, *Psychologie d'Aristote. Opuscules*. Por B. S.<sup>t</sup> Hilaire, 1877, Paris. Pág. 210-213.

Herófilo, do séc. III a. C., é figura curiosa neste capítulo, pois interpretou os sonhos como irreal execução de desejos recalcados em estado vigíl, no que notavelmente se adianta a S. Freud.

Dos Portugueses, Francisco Sanches escreveu sobre o tratado de Aristóteles um comentário no seu livro *Opera Medica* (1636, Tolosa): *De Devinatione per Somnum, ad Aristotelem*.

No século XIV Arnaldo de Vilanova, celeberrimo médico catalão, era proeminente na interpretação dos sonhos reais nas cortes de Aragão e Sicília (vid. *Interpretatio facta per . . . de visionibus in somnis . . .* in *Heterodoxos*, de Menendez y Pelayo, III).

(43) Vieira, *Sermões*. 13.<sup>o</sup>-42.

(44) Diz assim o salmo: *Quoniam cogitatio hominis confitebitur tibi, et reliquiae cogitationis diem festum agente tibi.*

(45) Vieira, *Sermões*. 13.<sup>o</sup>-43.

(46) Vieira, *Sermões*. 13.<sup>o</sup>-43.

(47) Seg. López Ibor, in *La agonía del psicoanálisis*, 1951, pág. 29, que sintetiza: *al sueño se le agregan, además, los llamados RESTOS DIURNOS procedentes de la experiencia de aquel día*; ou, como Filloux resume de Freud (in *L'inconscient*, Paris, 1951, pág. 66): *le rêve représente la tentative de réalisation d'un désir refoulé*.

A obra de Freud, em muitos dos seus lugares, explica o assunto. Servimo-nos da colecção *Obras Completas*, 2 volumes, trad. de L. López-Ballestros y de Torres, ordenada e revista pelo Dr. Germain (1948, Madrid). Na *Introdução à Psicanálise* o Prof. Freud trata dos actos falhos, dos sonhos, etc. (pág. 96 e seg., II vol.), sumariando a história da Onirologia.

O Prof. Fernando Jimenez-Placer, de Salamanca, recorda 3 quadros em que se representam sonhos: um, de Murillo, «El sueño del patricio», de C. 1665 (Museu do Prado); de Pereda, outro, «El sueño del Caballero», de entre 1640-1650 (Academia de S. Fernando); e outro, ainda, de Zurbarán, «Visão de S. Pedro Nolasco», de 1629 (Museu do Prado) In *tres cuadros del sueño en el arte español*, «Medicamenta», 1946, n.º 140, Madri.

(48) L. Ibor. *La agonía del Psicoanálisis*. Ob. cit. pág. 29.

(49) Vide nota 47. Muito recentemente, nos «Archives Suisses de Neurologie et de Psychiatrie» (1952, 67), em artigo intitulado *Contribution à l'étude du rêve*, Paul Häberlin, de Basileia, comenta esta doutrina, afirmando que a expressão do sonho é mais completa do que a vulgarmente indicada: *il dévoile des impulsions irréalisées, avec leur but, leur espoirs mais aussi les obstacles divers qu'elles rencontrent, les conflits qu'elles font naître* (resumo de Bersot, in *Annales médico-psychologiques*, 3, 1954. Paris, pág. 412).

(50) L. Ibor. *La agonía del Psicoanálisis*, pág. 33.

(51) Aristóteles. *Opusculos*, ob. cit., pág. 210.

(52) Freud. *Introducción al psicoanálisis*, in *Obras Completas*, cit.; II vol. pág. 98.

(53) Rof Carballo. *Patologia*, etc. ob. cit., pág. 87.

(54) L. Ibor. *La agonía del Psicoanálisis*, pág. 36.

(55) Vieira, *Sermões*. 13.º-82 e 95-96.

(56) *Idem*, idem.

(57) *Idem*, idem.

(58) Vide nota 8.

(59) Vieira, *Sermões*. 14.º-37.

(60) O texto é: *Qui nunc gaudeo in passionibus pro vobis, ed adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea pro corpore eius, quod est Ecclesia* (in *Epistola B. Pauli Apostoli ad Colossenses*, pars prior, 24).

(61) Mello Leitão (in *A Biologia no Brasil—1937*. S. Paulo; pág. 33) lembra que Moreira da Fonseca dissera de P.º Anchieta: *lança os fundamentos da história natural do Brasil, de modo a poder ser encarado como o iniciador destes estudos*.

(62) Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus*. II vol. 480 e seg.

(63) *Dictionnaire philosophique dans lequel sont réunis les questions sur l'Encyclopédie*, etc. Paris, 1832. Tomo 11. pág. 127.

(64) Luís de Pina. *Conceito histórico e médico da caridade de S. João de Deus*. Ob. cit.

(65) Sumariei e comentei os trabalhos de Schilling e Schurhammer sobre este grande jesuíta e cirurgião português no estudo *Evangelização e Medicina Portuguesa no Japão quinhentista*. In «Estudos» do C. A. D. C., 1950.

(66) A. de Azevedo Pires. *Saint François Xavier dans le cadre portugais du XVI<sup>ème</sup> siècle*. 1952, Lisboa, pág. 22.

(67) *Idem*, pág. 21.

(68) *Idem*, pág. 27. Sobre o grande Santo escrevemos a nota *O anatómico Verheyen e S. Francisco Xavier*, «O médico», 1953. Porto.